

**HUGO SANTOS AMICHI**

**TELEJORNALISMO REGIONAL: ANÁLISE DE CONTEÚDO DO  
GLOBO ESPORTE TV INTEGRAÇÃO**

Viçosa-MG

Curso de Comunicação Social/ JornalismoUFV

2016

**HUGO SANTOS AMICHI**

**TELEJORNALISMO REGIONAL: ANÁLISE DE CONTEÚDO DO  
GLOBO ESPORTE TV INTEGRAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Kelly Scoralick

Viçosa-MG

Curso de Comunicação Social/ JornalismoUFV

2016

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus e a minha família, meus pais Rubens e Rosana, e meus irmãos Caio e Aline, que são à base de tudo.

Aos meus amigos da República Homem Bomba, Lucas, Robson, Felipe e Ian pelo companheirismo, amizade e principalmente aos conselhos, todos esses anos, não teria conseguido sem vocês. Também aos amigos do curso de jornalismo da UFV, sem vocês esse sonho nunca teria se concretizado.

Agradeço também aos professores, em especial a minha orientadora Kelly Scoralick, por toda paciência e dedicação que fizeram o diferencial para que esse trabalho fosse concluído com êxito. Ao professor Joaquim Sucena Lannes, que acreditou em mim quando ninguém mais acreditava, e se estou completando essa jornada devo muito disso a ele.

## Epígrafe

“Como as nossas paixões pelos esportes são tão profundas e tão amplamente distribuídas, é provável que façam parte de nosso hardware- não estão em nossos cérebros, mas em nossos genes”.

(Carl Sagan)

“Eu ainda acredito que, se seu objetivo é mudar o mundo, o jornalismo é a arma mais imediata em curto prazo”.

(Tom Stoppard)

**Resumo:** O presente trabalho é um estudo sobre o telejornalismo local e o esporte sob o viés da função social que ambos possuem na sociedade brasileira. Sendo a televisão o veículo de difusão das informações mais assistido do Brasil, e o esporte, sobretudo o futebol, uma das maiores paixões dos brasileiros. O objetivo é demonstrar a relação de grande importância existente entre ambos, mas focando os estudos em um âmbito regional. Buscamos algum programa do telejornalismo local que pudesse nos proporcionar formas para fazer essa relação, e encontramos no Globo Esporte TV Integração, o melhor exemplo para tal. Portanto, vamos analisar o conteúdo veiculado pelo programa e comprovar a sua importância para a sociedade que habita a região da Zona da Mata e Campo das Vertentes, local de disseminação do conteúdo da TV Integração.

**Palavras Chave:** Telejornalismo Local, esporte, televisão, sociedade.

## Sumário

1. Introdução.....	7
2. A televisão e a sociedade contemporânea .....	8
2.1 A história da televisão: um breve resumo.....	10
2.2. A história da TV no Brasil.....	12
2.2.1 Fase Elitista: 1950-1964.....	13
2.2.2 Fase populista: 1964-1975 .....	15
2.2.3 Fase desenvolvimento tecnológico e expansão territorial: 1975-1990 .....	16
2.2.4 Fase digital: 1991-2015.....	18
3. Jornalismo Esportivo: um pouco da história e suas peculiaridades .....	19
3.1 Um pouco da história do jornalismo esportivo brasileiro.....	20
3.2 Jornalismo esportivos: modos de fazer .....	23
4. Telejornalismo Regional.....	26
4.1 TV Integração e um pouco da história da TV em Juiz de Fora .....	28
5. Análise quantitativa e qualitativa do GE TV Integração.....	30
5.1 Análise quantitativa .....	32
5.2 Análise qualitativa .....	35
6. Conclusão .....	43
7. Referências .....	50

## 1. Introdução

Os meios de comunicação exercem uma enorme influência na sociedade contemporânea. Eles criam, recriam e disseminam conteúdos que são relevantes para a sociedade, seja por meio de informações ou pela forma do entretenimento. São como nossa escola secundária, eles educam, criam identificações e cumprem uma função educacional.

A televisão é atualmente aquela que melhor difunde tal influência. Martins (2009) afirma que a produção de significados sociais e culturais é um dos principais fatores a serem levados em conta para qualificarmos a televisão, e especialmente os telejornais, que são programas televisivos de destaque na sociedade contemporânea. A autora ainda corrobora que a junção de som e imagem é o diferencial da televisão com relação a outros meios de comunicação, pois, mesmo na era da internet, milhões de pessoas ainda se interessam pelo meio televisivo. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a televisão é o segundo eletrodoméstico mais presente nos lares brasileiros. A TV se encontra em 94,8% das casas, só perde para o fogão, que está em 98,1% dos domicílios, mas ganha da geladeira, que está presente em 90,8%.

O esporte também pode ser considerado uma forte influência da sociedade contemporânea. Damatta (1994) configura o esporte como elemento da modernidade, pois este eleva a mensagem democrática expressa na alternância de vitórias e derrotas, no qual todos podem experimentar essas experiências. Tal realidade descrita pelo autor assemelha o esporte de eventos do cotidiano, aproximando-o da sociedade.

Não há como negar que as minhas maiores paixões são o esporte e a televisão. Ambos estão enraizados na cultura do Brasil, desde crianças somos acostumados a ver nossos pais na frente da TV, felizes ou tristes por conta do resultado do time de coração. Portanto este artigo tem a intenção de estudar um pouco mais esta simbiose existente entre o esporte e a televisão.

A televisão em âmbito regional será o enfoque principal deste trabalho. Em um mundo altamente globalizado, onde a notícia é veiculada de forma tão rápida e intrínseca, a valorização por um conteúdo local tem aumentando em grande escala. Informações de esfera nacional e internacional são facilmente encontradas na internet, veiculadas por vários sites e portais, mas a informação que mais será necessária no dia a

dia das pessoas tem pouco espaço no mundo global. Isso faz com que o telejornalismo de produção local seja o ator principal desta necessidade.

Além do momento oportuno para discutir sobre esse tema, já que até o final de 2016 quase que a totalidade das residências do Brasil, trocará o sinal de TV analógico para o digital. Superficialmente apenas vai melhorar o nível das transmissões televisivas, mas a principal consequência desta mudança vai ser a regionalização da TV em larga escala, dando mais força e visibilidade às TVs regionais

Nos dois primeiros capítulos, vamos entender qual a história do aparelho midiático que une milhões de pessoas e que tem suas raízes congruentes à cultura. Analisamos os aspectos históricos da TV no Brasil e como ela se popularizou em terras tupiniquins, até chegarmos à forma como a televisão é nos dias atuais.

No capítulo três, faremos uma retrospectiva do gênero esportivo no jornalismo. Iremos abordar primeiramente o contexto histórico do jornalismo esportivo em um âmbito geral e depois particularmente no Brasil. Além de desenvolver uma linha de raciocínio que permita entender como era e como atua a crônica esportiva.

Após destrinchar a área do gênero esportivo, vamos focar o estudo no telejornalismo regional. Vamos explicar a importância deste tipo de jornalismo para a sociedade, e fazer um breve resumo histórico do telejornalismo da TV Integração de Juiz de Fora, foco principal desta monografia.

A proposta deste trabalho é unir esses dois importantes elementos da sociedade atual: o esporte e a televisão. Para isso escolhemos um objeto de análise que poderia unir ambos e com isso buscar entender qual é a real importância do lado regional da TV Integração na relação com o esporte.

A análise a ser apresentada será feita com enfoque no Globo Esporte da TV Integração. Queremos descobrir se o programa tem um conteúdo de relevância para a região que o mesmo é direcionado, e se de alguma forma tal conteúdo reflete a região, criando identidade e identificação.

## **2. A televisão e a sociedade contemporânea**

Na pesquisa sobre mídia no Brasil, a PBM 2015, realizada pelo Ibope e divulgada pela Secretária de Comunicação Social da Presidência, ficou constatado que mesmo



com meios de comunicação emergentes, caso principal da internet, a TV ainda é absoluta na preferência dos brasileiros. De acordo com o levantamento 94% da população assiste TV regularmente e 74% ligam o aparelho diariamente. Os brasileiros passam em média quatro horas e meia em frente à TV por dia, sendo que os mais velhos e as mulheres assistem aproximadamente uma hora a mais diária que homens e mais jovens, de 16 a 25 anos.

Com tal força, assistir TV, acompanhar as notícias, se entreter, tornou-se um hábito da maioria das pessoas. Para podermos entender o papel de destaque que esse aparelho midiático tem atualmente no mundo, devemos destrinchar três aspectos básicos: identidade, identificação e projeção.

Allan Johnson (1997) define a identidade como socialmente construída, tornando-se, fruto da interação dos sujeitos com outras pessoas, além da utilização de imagens e ideias culturais. A identificação é o processo de nos colocarmos em categorias da sociedade pré-estabelecidas. E a projeção é o que pode acontecer caso persistam ou modifiquem tendências atuais. Esses três aspectos se tornam de suma importância para estabelecermos a relação existente entre a produção televisiva e sua decodificação pelos telespectadores. Já que a TV cria uma identidade, faz o telespectador se aproximar criando uma identificação e permeia projeções culturais na sociedade. Portanto, podemos afirmar que os meios de comunicação, neste caso especificamente a televisão, influenciam os processos de construção das identidades.

Entendemos que a comunicação de massa deva ser, necessariamente, mediada, o que não significa dizer que a mediação apenas produza comunicação. Portanto, partimos da premissa de que os efeitos de uma informação veiculada são naturais, mas socialmente construídos a partir do peso simbólico e culturalmente, o que nos leva a reiterar que, em uma sociedade cada vez mais mediada, os processos de identificação e construção de identidades acontecem, especialmente, em torno da relação entre os telespectadores e TV (MARTINS, 2009, p.39).

Torna-se importante salientar como os media deixam de ser elementos da sociedade para se tornarem estruturas da mesma. Para Simone Martins (2009), essa mudança na forma como os media atuam na sociedade contemporânea tem sua raiz nas modalidades de territorialização. “Os princípios envolvidos no mercado e no contrato, diga-se social, generalizam-se, tornando-se padrões para os mais diversos povos, as mais diversas formas de organização social da vida e do trabalho, independente das

culturas e civilizações” (2009, p. 44). Portanto os laços existentes entre cidadãos de uma mesma sociedade, e ainda a influência que os meios de comunicação exercem sobre suas vidas podem ser consideradas modalidades de territorialização.

A partir dos conceitos apresentados e da intrínseca relação existente entre a TV e a sociedade, vamos destacar no próximo capítulo a história do aparelho midiático. Primeiro fazendo um resgate histórico de sua criação e depois mostrando de forma detalhada a história da televisão no Brasil de modo que tenhamos uma contextualização total do assunto.

## **2.1 A história da televisão: um breve resumo**

A civilização sempre buscou as imagens para relatar os fatos e acontecimentos da humanidade. Na pré-história havia a utilização de pinturas nas paredes das cavernas, séculos depois a pintura era a forma de retratar o contexto, substituída mais tarde pela fotografia e anos depois pelo cinema. E assim, a cada avanço tecnológico significativo a imagem foi ganhando mais vida e movimento, até chegarmos a criação do aparelho difusor de informação mais popular do planeta, a televisão.

Como qualquer grande descoberta tecnológica do século XX, a televisão não tem um único inventor. Sua criação foi desenvolvida por inúmeros cientistas de diversas partes do planeta. Químicos, físicos e matemáticos da época uniram seus esforços para que em 1923, nos EUA, ocorresse a primeira transmissão televisiva do mundo.

O caminho estava assim aberto para que o nome do escocês Jonh Baird ficasse ligado ao aparecimento da televisão, em 1925, com a primeira transmissão à distância de imagens em movimento com um sistema próprio. Em 1923, nos Estados Unidos, o russo Zworkyn desenvolve um dispositivo de TV inteiramente eletrônico, aperfeiçoando progressivamente o tubo catódico e o iconoscópio por forma a obter, em 1936, uma definição de imagem de 450 linhas (...). Os passos decisivos para concretizar em emissões televisivas experimentais, não regulares, todo um complexo de avanços tecnológicos são dados logo após a Primeira Guerra Mundial (CÁDIMA, 1996, p. 10)

As primeiras transmissões comunitárias\* da TV surgem quase uma década depois de seu nascimento. A Alemanha, em março de 1935, foi à percussora neste tipo

---

\* As transmissões comunitárias eram armas de propaganda do governa nazista alemão. Elas tinham o objetivo de persuadir a população a favor do regime nazista na Alemanha.

de transmissão. Em pleno regime nazista, esse tipo de tecnologia foi incrivelmente empregado por Adolf Hitler como meio propagandista de seu regime. Porém é apenas em 1936 que ocorre o primeiro serviço regular de televisão do planeta, a BBC (*British Broadcasting Corporation*), hoje uma gigante no ramo das telecomunicações, é fundada na Inglaterra.

Posterior aos europeus ocidentais, os russos viabilizaram imagens de televisão em 1938. Já em 1939 é fundada nos Estados Unidos a NBC (*National Broadcasting Corporation*). Aliás, os norte americanos, provenientes da grande indústria cinematográfica que tinham, são os primeiros a obter sucesso máximo com aparelhos televisivos. Poucos anos após a criação da NBC, as emissoras já buscavam apoio junto a anunciantes e patrocinadores, o aparelho começava a se popularizar. Na década de 1940, a televisão firma-se como meio totalmente eletrônico, tornando-se, posteriormente, um dos veículos de comunicação mais importante do mundo. Entretanto, o desenvolvimento da tecnologia televisiva sofreu uma parada.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as inovações e transmissões televisivas são interrompidas em quase todos os países. Na Inglaterra os estúdios da BBC foram utilizados como produção de material bélico. Nos Estados Unidos a produção televisiva praticamente parou. Caso parecido ocorreu com a televisão de Moscou, na Rússia. A exceção foi à Alemanha, que continuou a usar a televisão como arma propagandista durante a guerra.

Apesar deste atraso de quase uma década, antes do fim da Segunda Guerra, França, Inglaterra e Rússia já voltavam a operacionalizar suas emissoras de televisão. Porém quando a guerra finalmente acabou as inovações para aperfeiçoar as transmissões continuaram. No ano de 1956, a empresa norte americana, Ampex, descobre o videoteipe. Com esta descoberta os programas televisivos não tinham mais a necessidade de serem feitos ao vivo e no improviso, poderiam ser gravados, fazendo com que a diversidade da programação, que já começava antes da guerra, eclodisse. Com isso a televisão ganhou o espaço na maioria dos lares ingleses, americanos, franceses, russos e alemães, se consolidando no início da década de 1950 como o principal veículo de comunicação de massa.

Criada a menos de um século, a televisão rapidamente se transformou no principal veículo de difusão de informações e entretenimento do mundo, consolidando-se dentro das casas, criando hábitos de consumo e formando padrões a serem seguidos. Por meio dela o público passou a se informar, criar opiniões, tomar conhecimento do mundo em que está inserido e certificar-se dos problemas e acontecimentos que o rodeia (MARTINS, 2009, p.44).

A partir de agora vamos adentrar em um resumo histórico de como a televisão se enraizou no Brasil. Quais são os conceitos, os programas, em suma, como são caracterizados os modelos do telejornalismo em terras tupiniquins.

## **2.2. A história da TV no Brasil**

Enquanto os países mais desenvolvidos já possuíam, ao mínimo, o básico de uma estação televisiva antes mesmo do começo da Segunda Guerra Mundial, nas nações em desenvolvimento, o aparelho televisivo só chegou ao começo da década de 1950, e ainda naquela época era artigo de luxo possuir um televisor em casa. O rádio ainda dominava o modo como às informações eram difundidas.

Coube ao pernambucano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo o pioneirismo e a ousadia necessária para trazer a televisão para terras tupiniquins. Chatô, como era popularmente conhecido, já era dono de um império comunicacional respeitável, os Diários Associados, um conglomerado e reunia dezenas de jornais, revistas e estações de rádio. Foi assim que em 1948, em uma viagem secreta aos Estados Unidos que Chateaubriand buscou adquirir conhecimento técnico e os equipamentos necessários para a instalação da televisão no Brasil.

Os equipamentos para as nossas primeiras emissoras chegaram no ano de 1949, com Chateaubriand iniciando sua instalação sob muito mistério, quase às escondidas, pois ele queria inaugurar a televisão no Brasil antes do México e de Cuba, países que também instalaram a televisão no ano de 1950 (MATTOS, 2002, p.171).

Desta forma, após vários testes, a televisão no Brasil vai ganhando estrutura. Diferente do modelo norte americano, que foi baseado na enorme indústria cinematográfica, o processo no Brasil aconteceu de forma totalmente diferente, usando as estruturas radiofônicas para poder estabilizar a televisão por aqui. Mendes Júnior (2005) afirma que a primeira fase de testes da televisão ocorreu no dia 03 de abril de

1950. A transmissão realizada foi à apresentação de um musical do Frei José Mujica e as imagens foram assistidas em aparelhos instalados no saguão dos Diários Associados, além da transmissão de um filme sobre o retorno de Getúlio Vargas à política. Contudo, foi apenas em 18 de setembro de 1950 que a TV Tupi, em São Paulo, foi inaugurada, começava a história da televisão no Brasil.

Era a concretização do sonho de um pioneiro da comunicação no Brasil: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. O programa de estreia chamava-se ‘TV na Taba’, apresentado por Homero Silva e contava com diversos profissionais do rádio. Já no dia de estreia, a TV brasileira teve que contar com improviso: minutos antes da inauguração, uma das duas câmeras quebrou e os técnicos americanos aconselharam que fosse adiado o lançamento, mas o diretor artístico Cassiano Gabus Mendes decidiu ir ao ar com apenas uma câmera, e a transmissão foi assistida pelo público nos 200 aparelhos importados por Assis Chateaubriand espalhados pela cidade de São Paulo (MENDES JUNIOR, 2005, p. 9)

A história da televisão no Brasil é definida segundo as fases de evolução do veículo no país. Cada etapa tem um período definido a partir de acontecimentos que permearam o início de uma fase de o final de outra. A classificação foi feita a partir, principalmente, dos aspectos políticos, econômicos e culturais.

### **2.2.1 Fase Elitista: 1950-1964**

A década de 1950 foi de extrema importância para o Brasil. O país passava por transformações políticas e econômicas. A expansão industrial fazia ocorrer um grande êxodo das áreas rurais para os centros urbanos. A TV também estava incorporada a esse processo de crescimento.

Um ano após a inauguração da TV Tupi em São Paulo, a televisão já demonstrava sinais que seria um grande difusor de informação do país nas décadas subsequentes. Em 1951 já existiam aproximadamente sete mil aparelhos televisivos no país, mas com um preço três vezes maior que o do rádio, poucos tinham o eletrodoméstico, considerado artigo de luxo até então. Porém avanços nas transmissões e na fabricação de televisores ainda nesta década fizeram a indústria televisiva dar um salto gigantesco, chegando ao ano de 1958, com aproximadamente 344 mil televisores em todo o território nacional.

O começo da produção televisiva no Brasil foi conturbado. Havia uma fraca mão de obra especializada na área e a TV na década de 1950 ficou na mão de anunciantes

estrangeiros, que já obtinham certa experiência na área e viam no mercado brasileiro grandes oportunidades de negócios. Os patrocinadores, portanto, determinavam o conteúdo que seria passado pelos programas e contratavam os artistas e produtores. Era comum na década de 1950 os telejornais e produções artísticas possuírem o nome dos patrocinadores, o mais famoso telejornal da época, o Repórter Esso, é um bom exemplo desta relação que acontecia nos primórdios da TV no Brasil.

Em *O Monopólio da Fala*, Muniz Sodré (1984) corrobora com a afirmação de Mattos (2002) ao afirmar que, inicialmente, a ausência de uma estrutura comercial aliada à pequena audiência da televisão (formada apenas pela elite do país) restringiam a programação televisiva “ para uma linha culturalista de ação” (1984, p. 96). Todavia, Sodré (1984) ressalta que o panorama foi alterado a partir dos anos 60, quando “ a televisão começa a assumir o seu caráter comercial e a disputar verbas publicitárias com base na busca de maior audiência” (1984, p. 97). Sérgio Mattos (2002, p. 74) destaca que, desde então, a TV transformou-se no meio de publicidade favorito do país em função do grande potencial de audiência, adquirindo ao adaptar a programação para atingir todas as classes sociais e satisfazendo, assim, as necessidades das agências publicitárias (MATTOS, 1985, p.53)

As improvisações, a falta de técnica adequada e a programação comandada por quem patrocinava as transmissões televisivas não foram os únicos obstáculos para os primeiros anos da TV no Brasil. Como não havia um código de leis que regiam a telecomunicação no país, coube às emissoras existentes arcar com os custos e infraestrutura para melhorar transmissões à distância. Até 1956, dez emissoras operavam normalmente no país, na maioria das regiões, mas sem nenhuma experiência com a nova tecnologia e sem conseguir transmissões em rede, o que prejudicava toda a dinâmica do processo televisivo.

Porém o ano de 1959 pode ser considerado um marco neste primeiro período da TV por aqui. Três fatos são marcantes. O primeiro foi a autorização dada pelo governo para a importação de videotapes. Criado nos Estados Unidos em 1956, os videotapes possibilitaram a oportunidade de gravar as produções televisivas, com isso as improvisações e as falhas ao vivo não aconteciam mais, além dos comerciais, que poderiam ser gravados e distribuídos entre as emissoras no país. O segundo fato aconteceu em outubro do mesmo ano. O Ministro da Justiça, Armando Falcão, assina a primeira legislação regulamentando a televisão no Brasil, tornando o meio mais profissional e menos amador, nesse momento, fica determinado que os canais de TV e as estações de rádio eram definidos por concessões públicas, com a autorização do governo. Por fim, o terceiro fato de extrema importância no fim da fase elitista, já em

1960, foi à ampliação da infraestrutura para transmissões a longa distância. Este fato, impulsionado pela criação de Brasília, faz o interesse de o governo aumentar o uso de transmissões à longa distância. Ao final da primeira fase da TV no Brasil, o número de televisores passava de um milhão, e a estrutura, até então amadora, começa a se transformar em algo profissional.

### **2.2.2 Fase populista: 1964-1975**

A segunda fase da expansão televisiva no país ocorre de acordo com a situação política em que o Brasil vivia no começo da década de 1960. O golpe militar em 1964, não influencia apenas a parte política do país. Mattos (1985), afirma que o crescimento econômico foi centrado na rápida industrialização, baseada em tecnologia importada e capital externo, enquanto veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores da produção de bens duráveis e não duráveis.

Os governantes pós-64 estimularam a promoção de um desenvolvimento econômico rápido, baseado num tripé formado pelas empresas estatais, empresas nacionais e corporações multinacionais. Promovendo reformas bancárias e estabelecendo leis e regulamentações específicas, o Estado, além de aumentar sua participação na economia como investidor direto de uma série de empresas públicas, passou a ter à sua disposição, além do controle legal, todas as condições para influenciar os meios de comunicação através das pressões econômicas (MATTOS, 1985, p. 56)

A TV passa por uma nova fase. Agora não eram mais os anunciantes que mandavam na programação, mas sim o governo, que em meio à ditadura, impõe aos meios radiofônicos e televisivos uma forma restrita de opções para a produção do conteúdo.

Mas é também nessa época que a televisão chega àqueles que não tinham condição de obter televisores. Com o intuito de propagar a TV, o Estado finalmente investe de forma maciça na infraestrutura do aparelho, construindo um moderno sistema de micro-ondas, e populariza de vez a televisão, abrindo créditos para a compra de novos aparelhos.

Neste período da TV no Brasil, além da popularização em massa, também fica conhecida pela maior profissionalização da área. Para Caparelli (1982) a segunda fase

da TV no Brasil absorve padrões de administração e produção de programação. O momento econômico do país é bem mais viável para a expansão da televisão, com uma estrutura administrativa e financeira mais sólida e com a industrialização assentada, voltada para o consumo.

Outro fato de suma importância é a criação da Rede Globo. A maior emissora de televisão do Brasil surge no ano de 1965, com respaldo financeiro e técnico do grupo americano *Time/Life*. Este respaldo foi de extrema importância para o crescimento da Globo no país, fazendo com que ela já nascesse em um mercado em crescimento e com várias tecnologias de alto padrão para a época. A popularização da TV e a Globo nasceram praticamente no mesmo período, fazendo com que a programação do canal fosse totalmente massificadora, o que atraía anunciantes e fazia a emissora crescer. Em pouco tempo a Globo se tornaria a gigante do mercado das telecomunicações.

Foi durante esta fase que a redução do custo dos televisores, como resultado do aumento da escala de produção, exerceu uma grande influência sobre a televisão, contribuindo para ampliar o mercado e atraindo cada vez mais os investimentos publicitários. Para atender às exigências da nova audiência os conteúdos dos programas ficaram cada vez mais populares. Durante a Segunda metade da década de 60, a programação das televisões estava basicamente assentada na tríade: novelas/ "enlatados"/ e shows de auditório. A Globo só inicia a busca da qualidade técnica de seus programas com o chamado "Padrão Globo", a partir dos anos 70 ( Mattos, 1990,p. 16).

Ao final desta fase, a televisão no Brasil finalmente se incorpora de vez no hábito dos brasileiros, ela se consolida como forte veículo midiático no país. Com este assentamento midiático a TV tem condições de crescer e na próxima fase ela é definitivamente incorporada na cultura brasileira.

### **2.2.3 Fase desenvolvimento tecnológico e expansão territorial: 1975-1990**

A fase do desenvolvimento tecnológico é de suma importância para a televisão no Brasil. É nessa época que ocorre a padronização da programação televisiva e também a solidificação do conceito de rede de televisão.

Mesmo com todo um aparato tecnológico que poderia fazer com que as produções televisivas nacionais ganhassem uma qualidade superior, as emissoras de



rádio e TV tinham que se adequar as regras de um governo ditatorial, que censurava a maioria dos noticiários e produções nacionais. Até o ano de 1975, as telenovelas mandavam na programação, era uma espécie de compensação, em uma televisão que estava totalmente entregue a censura.

A partir de então, a televisão começou a exibir programas de alta sofisticação técnica, gerados em cores e que atendiam plenamente ao tipo de televisão que o governo queria: uma televisão bonita e colorida, nos moldes do "Fantástico – O Show da Vida". Nos telejornais era, também exercido um controle tão rígido, no sentido de aliviar o quadro real da situação vivida no País que, em março de 1973, o Presidente Médici fez a seguinte declaração: "Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal . Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho" (MATTOS, 1990, p.16).

Com a entrada de João Figueiredo ao poder e as inúmeras manifestações da população contra o regime da ditadura, os militares foram perdendo o controle absoluto que tinham. As eleições no Congresso, onde a maioria dos parlamentares eleitos foi de oposição, assinatura da anistia, as eleições diretas para governadores e prefeitos, e principalmente, o fim do AI-5<sup>†</sup>, proporcionaram um novo caminho para a televisão.

Em 1980, o número de residências com televisores no Brasil era 1.272% maior do que em 1960, segundo dados do censo realizado pelo IBGE em 1980. A partir de então, a TV começa a nacionalizar sua programação, os noticiários novamente transmitiam informais sobre fatos de importância relevante a população brasileira. Ao final dessa fase, o monopólio da televisão no Brasil estava associado a quatro grandes emissoras em rede nacional: Globo, Bandeirantes, SBT e a extinta TV Manchete. Segundo Mattos (1985) com a fragilidade do teatro e do cinema nacional, aliado a investimentos maciços em publicidade na TV, pode-se dizer que foi na terceira fase que a televisão se solidificou com uma potencia no mercado midiático brasileiro. Além da nova Constituição, elaborada no período pós-ditadura, ocorrendo mudanças significativas para a época na área de Comunicação Social.

---

<sup>†</sup> No dia 13 de dezembro de 1968, ocorreu a publicação do Ato Institucional nº 5. Visto como uma das maiores arbitrariedades da época, o novo decreto permitia ao presidente estabelecer o recesso indeterminado do Congresso Nacional e de qualquer outro órgão legislativo em esfera estadual e municipal, cassar mandatos e suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por dez anos. Além disso, poderia ser realizado o confisco dos bens daqueles que fossem incriminados por corrupção.

Em 5 de outubro de 1988, da nova Constituição, que apresenta, no Capítulo V, texto específico sobre "Comunicação Social". No Artigo 220 a nova Carta reafirma que a manifestação do pensamento não sofrerá qualquer restrição e, nos parágrafos 1º e 2º, veda, totalmente, a censura, impedindo, inclusive, a existência de qualquer dispositivo legal que "possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística, em qualquer veículo de comunicação social". No Parágrafo 5º deste mesmo artigo está a proibição de formação de monopólio/oligopólio nos meios de comunicação social (MATTOS, 1990, p. 19).

Ao final dessa fase, o que se destaca de forma alarmante é a grande competitividade entre as grandes emissoras do país, além é claro de um avanço na exportação de produções nacionais e uma expansão internacional da TV brasileira.

#### **2.2.4 Fase digital: 1991-2015**

Com uma sólida estrutura e aliada a leis vigentes da nova Constituição Federal, a televisão no Brasil entrou em novo processo: aprimoramento e qualidade técnica das transmissões.

A partir da década de 1990 houve o surgimento de novos televisores, cada vez mais modernos e com capacidades visuais e auditivas muito superiores aos da década anterior. Com um mercado solidificado e uma concorrência acirrada na audiência, as emissoras tiveram que se adequar ao um novo tipo de telespectador, mais crítico ao que estava assistindo.

Aliado a isso, ocorre o surgimento de um novo e revolucionário modo de ver a televisão: a TV por assinatura. Com um telespectador mais exigente coube às esses novos canais fazerem produções específicas, que não buscavam atingir a um público generalista, mas sim, atingir apenas aqueles telespectadores que buscavam programações específicas, sobre aquilo que tinham afinidade.

Porém esse tipo de serviço era privilégio de poucos, por conta dos altos preços das assinaturas. Em 1994, havia apenas 400 mil domicílios assinantes, mas em 2001 já se registravam 3,5 milhões, o que corresponde a um crescimento de 750% em seis anos.

Já no século XXI foi a incorporação da TV digital, com qualidade visual e sonora infinitamente maior do que os modelos usados até então. A partir de maio de

2008, foi iniciada uma campanha para a substituição da TV analógica pelo sinal digital no Brasil. A ideia, implantada no governo Lula (2003-2011) tem o objetivo de levar mais qualidade de transmissão aos mais de 60 milhões de domicílios do país. Desde o começo de 2015, o sinal analógico começou a ser desativado, ao término da desativação deste sistema, previsto para 2018, a expectativa é que 93% de todas as casas do Brasil tenham sinal digital, sem custos e com qualidade muito superior de transmissão.

Daremos enfoque a partir de agora no jornalismo esportivo. Verificamos como essa especialização do jornalismo, se enraizou e se desenvolveu em terras tupiniquins, colocando-se hoje como um dos grandes líderes de audiência televisiva da televisão brasileira.

### **3. Jornalismo Esportivo: um pouco da história e suas peculiaridades**

É inegável como o brasileiro tem paixão pelo esporte. De quatro em quatro anos sempre paramos em frente à televisão para torcer, seja na Copa do Mundo ou nas Olimpíadas. O esporte tem por característica atrair milhões de olhares curiosos e que vibram e se decepcionam a cada gol perdido, a cada corte interceptado pelo bloqueio adversário, a cada vez que algum brasileiro vence na formula um.

Na pesquisa realizada sobre a paixão dos brasileiros, realizada em 2012 pelo IBGE, em parceria com a AMBEV, constatou que para 77% da população brasileira, o futebol é a maior paixão, sendo que o esporte é admirado por 82% dos homens e de 72% das mulheres. Essa paixão tão peculiar faz do esporte um dos campos de maior destaque da área jornalística, e para nós brasileiros particularmente, pois nossa cultura está envolvida por ele.

À medida que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço. Nas mídias em geral o esporte é muito mais que um jogo ou uma partida específica. Não se resume a um fato isolado, pois existe a preparação que antecede o acontecimento e, posteriormente, suas repercussões (MARTINS, 2010, p. 3).

A história do jornalismo esportivo começa na França, no ano de 1854. Os primeiros registros são do periódico *Le Sport*, o jornal fundado por Eugene Chapus e que tinha como público alvo as classes mais baixas. Para Martins (2010) o esporte por ser praticado, na época, por classes menos afortunadas era considerado um tema inferior, fazendo com que a elite não se importasse muito com a editoria. A importância

do esporte só mudaria se ele fosse praticado ou patrocinado pelas classes mais altas da sociedade.

As elites da época só começaram a se interessar pelo tema anos mais tarde, quando em 1894 o Barão de Coubertin, membro da aristocracia francesa, decide reunir os povos e voltar aos ideais olímpicos perdidos na Grécia Antiga, séculos atrás. Esse movimento se torna importante, pois a partir de então as elites começariam a olhar o esporte de forma diferente e passariam a ter mais interesse entender sobre o assunto.

No início a imprensa esportiva oferecia informações e explicações sobre como praticar os mais variados esportes. Assim que o esporte começou a tornar-se importante, as colunas esportivas começaram a ganhar novos status, porque pessoas influentes e de classe alta começaram a se interessar pelos esportes e eram isso que apreciavam nessas reportagens, o esporte ficava em segundo plano (MARTINS, 2010, p. 7).

Na televisão as primeiras transmissões esportivas só começaram a surgir já no século XX, mais precisamente na década de 1930.

Nos Estados Unidos uma partida de beisebol em 1935; na Alemanha os Jogos Olímpicos de Berlim no contexto nazista em que Hitler queria mostrar a soberania da raça Ariana, há um vídeo de divulgação dessa olimpíada chamado **Olímpia**, em que há resgate dos ideais olímpicos; a BBC, da Inglaterra, mostrou a primeira jornada de Wimbledon, para o público britânico em 1937; na França, em 1938, a transmissão da primeira Copa do Mundo televisionada na íntegra (CAMARGO *apud* MARTINS, 2010, p. 8).

Em 1939, estoura na Europa a Segunda Guerra mundial, conseqüentemente todo o tipo de produção cultural e esportiva fica estagnado, fazendo com que o pequeno sucesso das transmissões esportivas na televisão fosse cristalizado em processo de desenvolvimento. Além do mais, a guerra prejudicou também os países em desenvolvimento, que só começaram a ter acesso a TV após o final da guerra, já na década de 1950.

### **3.1 Um pouco da história do jornalismo esportivo brasileiro**

“Futebol não pega, tenho certeza, estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”. É com essa histórica frase do autor Graciliano Ramos que o esporte no Brasil era visto, de um modo geral, no início do século XX. Muitos preconceitos e incertezas.

As incertezas em torno do esporte – e não falo apenas do futebol – continuavam a girar mesmo com o passar dos anos. Até mesmo o remo, que era o esporte mais popular do Brasil no início do século, enfrentava o pessimismo de quem afirmava que os esportes jamais ganhariam espaço nas páginas dos jornais (BRETONES, 2010, p. 10).

A primeira publicação focada para os esportes no Brasil ocorre no ano de 1910. É criada, por um grupo de italianos a revista *Fanfulla*, que no começo não tinha o esporte como alvo de suas publicações, mas com o eminente crescimento, começou a utilizar a editoria em suas páginas, ampliando o espaço sempre que surgia uma nova edição. Bretones (2010) explica que as primeiras publicações esportivas da *Fanfulla* não davam informações sobre os jogos que aconteciam, mas sim, tinha um cunho propagandista, no sentido de incentivar a criação de clubes de futebol.

Vale destacar que foi por meio destes convites que surgiu o Palestra Itália, clube que perdura até os dias de hoje e que atualmente se chama Sociedade Esportiva Palmeiras. Com esses jornais voltados aos italianos, o *Fanfulla* pode ser considerado um dos primeiros jornais que tratavam do futebol no Brasil, tanto que o periódico ainda é usado como fonte de pesquisa sobre os primeiros passos do esporte no país (BRETONES, 2010, p. 10-11).

O preconceito com o futebol ainda persistia, mesmo com o sucesso das publicações da revista italiana. A principal queixa de clubes e dirigentes com relação ao esporte é que o mesmo exigia um esforço físico muito grande, que de nada valia, além de dirigentes que negavam pagar salários a atletas que entravam em campo e não tinha a exigência de um grande desempenho intelectual.

Mas mesmo com todos os preconceitos que rondavam o futebol e em âmbito geral os outros esportes, o crescimento da popularidade desta editoria nos jornais era eminente, e a população começou a se acostumar com o esporte. Bretones (2010) cita a entrada de negros no time do Vasco da Gama como um marco no jornalismo esportivo nacional. Pois a população menos abastada começou a se interessar pelo esporte, que no começo era praticado apenas pelas elites, com essa impulsão houve o surgimento das primeiras revistas e periódicos exclusivos para o esporte. Foi o caso do Jornal dos Sports, criado por Mario Filho, na década de 1930 e a Revista dos Sports, já na década

de 1950.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menos poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO *apud* BRETONES, 2010, p. 13).

À medida que o Brasil foi alcançando feitos históricos com o futebol, a mentalidade da sociedade e dos donos das grandes mídias foi mudando em relação ao esporte. Em 1950, ocorre a primeira Copa do Mundo disputada no país e a paixão do brasileiro pelo esporte cresce de forma assustadora e o interesse para publicações deste tipo de jornalismo também.

O sucesso de audiência nas transmissões radiofônicas na Copa do Mundo de 1954, por exemplo, fizeram com que patrocinadores buscassem as rádios para eventos posteriores, é nesse momento que ocorre a afirmação das publicações esportivas, surgindo vários periódicos e revistas especializadas no assunto. Já com a conquista da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, o esporte finalmente se afirma como forte editoria dos meios de comunicação, por mais que o preconceito persistisse.

Para Savenhago (2011) as transmissões esportivas no Brasil começaram a ocorrer junto com o nascimento das emissoras de TV, porém com a falta de tecnologia disponível, as transmissões eram feitas apenas em cidades onde os jogos estavam acontecendo. A primeira grande jornada esportiva na TV só vai ocorrer justamente após o sucesso da audiência da Copa de 1954, quando a TV Record e a TV Rio se unem e transmitem o amistoso do Brasil contra a seleção italiana no Maracanã. ‘Essa proeza da TV Record impulsionou definitivamente a venda de televisores. A população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade’ (WILLIAM *apud* SAVENHAGO, 2011, p. 26).

Como a Copa de 1954 tinha sido um sucesso para a afirmação do jornalismo esportivo e do esporte de um modo geral, a Copa de 1970, foi definitivamente um marco para o começo das grandes transmissões televisivas para a TV. O sucesso da já

consagrada seleção bi campeã mundial e a propaganda militar que impulsionou o esporte e a audiência televisiva no país, forma determinantes neste processo.

A Copa de 1970 foi transmitida ao vivo para todo o Brasil. A televisão também contribuía para consagrar Pelé como um mito (...), ele se tornaria marca de vários produtos, desde camisas até bonecos de brinquedo. A partir daí tendo o futebol e a propaganda como aliados, a televisão se tornaria uma poderosa arma de persuasão (SAVENHAGO, 2011, p. 27).

Savenhago (2011) explica que após o sucesso das transmissões televisivas na Copa de 1970, a televisão teve que buscar meios mais lucrativos de explorar o esporte. Para o autor como os meios de comunicação visavam o lucro, era necessário transformar o futebol em algo rentável, que atraísse anunciantes em função da audiência que o esporte proporcionava. Basicamente a ideia era transformar a cultura popular em cultura de massa, conseqüentemente essa transformação é um dos principais fatores da indústria cultural.

Forma-se então um triângulo entre o telespectador, a emissora de televisão e os anunciantes. Um dá sustentação às aspirações dos outros dois, o que explica o sucesso das transmissões de futebol, especialmente em épocas de Copa do Mundo. (...) Nas Copas seguintes novos saldos altamente positivos. A partir daí, o futebol se tornaria, definitivamente um grande negócio para a televisão brasileira (SAVENHAGO, 2011, p. 28).

Como consequência de todas essas transformações, o jornalismo esportivo no Brasil ganhou maior adesão e se despiu do preconceito. Os meios de comunicação passam a dar lugar ao esporte em suas páginas e em programações.

### **3.2 Jornalismo esportivos: modos de fazer**

Quem assiste as transmissões televisivas feitas atualmente se depara com uma realidade totalmente diferente daquela vivida na década de 1950 e 1960 quando houve a afirmação destas publicações no Brasil.

Tal como o jornalismo esportivo tinha início no país, os jornalistas que escreviam sobre esporte na época não eram especializados na área. Nelson Rodrigues, escritor brasileiro de grande renome, cria em suas crônicas altamente poéticas, denominações para os grandes clássicos cariocas e que são usados até hoje pela mídia esportiva. O termo FLA-FLU, Clássico Vovó e Clássico dos Milhões foram empregados

por ele na década de 1960, isso fazia com que a sociedade se aproximasse do futebol, criasse vínculo e identidade com o esporte, além dos atletas que passaram a ser considerados ídolos. ‘’ A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses’’ (COELHO *apud* SAVENHAGO, 2011, p.13).

Na época em que a dramaticidade de Nelson Rodrigues fazia sucesso nas publicações, as pessoas começaram a se interessar mais pelo assunto, entender as regras, saber a situação em que os atletas e o time se encontravam, não só durante as partidas, mas também como era a preparação e após o jogo. O jornalismo esportivo teve que se adequar e profissionalizar a área, a partir da profissionalização do futebol e com um maior apelo do público em geral pelo esporte, os jornalistas passaram a veracidade e conhecimento técnico em suas crônicas esportivas.

A evolução tecnológica e a profissionalização esportiva também levou aos cadernos de esporte o senso de que não existia apenas o futebol, como costuma se confundir. O aparecimento de novos ídolos em outros esportes e o crescimento do vôlei, basquete, natação, tênis e automobilismo ajudou os jornalistas a se especializarem em cada atividade, e não apenas no futebol, como vinha sendo na década de 1970 e 1980 (SAVENHAGO, 2011, p.15).

Na televisão, as transmissões de eventos esportivos tinham destaque. Porém com grande limitação tecnológica essas coberturas na maioria das vezes eram preteridas pelo rádio, pois a emoção dos locutores e rapidez de informação se tornavam mais atrativos do que as imagens da TV, que não transmitiam a partida ao vivo.

O Canal 100, sucesso entre as décadas de 1950 e 1960, idealizado pelos cineastas Carlos Niemayer e Ivan Cardoso foi o grande precursor que mudou a forma como o esporte era assistido. O projeto funcionava em cinemas do Rio de Janeiro e eram transmitidos pequenos documentários, em que grandes clássicos de futebol da época ganhavam uma produção cinematográfica e de forma iminente ganharam a adesão do público.

Com o grande avanço tecnológico e abertura política na década de 1970, a programação da esportiva na televisão precisava inovar e sair do modelo padrão de



telejornal abordado por todas as emissoras. Assim, novos formatos foram surgindo, com conteúdos diversificados e que prendiam a atenção do telespectador. Nasce, portanto em 1973, o Esporte Espetacular, voltado única e exclusivamente àqueles interessados pelo esporte, em um formato mais leve e dinâmico. O programa foi um sucesso de audiência, tanto que após o surgimento do programa dominical surge o Globo Esporte- de transmissão diária-, principal foco de estudo desta monografia.

Cinco anos depois a emissora trazia ao ar o programa Globo Esporte, em substituição ao programa Copa Brasil, programa dedicado exclusivamente ao futebol. Para mudar o enfoque sobre essa modalidade a proposta inicial do Globo Esporte era trazer, também, as novidades do esporte amador para a televisão (DA SILVA, 2005, p. 20).

Nos anos de 1990, a Rede Bandeirantes de televisão resolve investir maciçamente no esporte, tornando a marca do canal, a emissora abrange sua grade esportiva, não apenas transmitia as partidas, mas também passava os melhores lances de jogos e fazia uma discussão acerca das partidas. Esse modelo apresentado pela Band na década de 1990, pode ser considerado o embrião de toda a imprensa esportiva televisiva atual. A emissora buscou contratar profissionais especializados para informar e avaliar o campo esportivo.

Conseqüentemente nesta época, começa a surgir a TV por assinatura no Brasil, com uma programação totalmente voltada a um público específico. Os canais de esporte seguiram o modelo de sucesso da Band, o que fez com que os programas esportivos começassem a buscar qualidade e excelência nos profissionais da área.

Entre as mudanças que ocorreram no jornalismo esportivo, Da Silva (2005) explica que o telejornalismo esportivo evoluiu bastante, antes usando um modelo e uma linguagem radiofônica, para depois possuir uma linguagem própria. Das transmissões televisivas, o esporte começou a ganhar grande destaque nas grades de programação, atualmente podemos assistir diariamente boletins com pequenas informações até mesas redondas que debatem criticamente o esporte em todos os seus âmbitos.

Telejornais e programas esportivos, hoje, se consolidam como produtos de grande audiência e ampla inserção na grade de programação. Essas

modificações históricas do fazer jornalístico e, também, das expectativas dos telespectadores com relação a este tipo de programa delimitando as marcas dos subgêneros nos quais estão inseridos (DA SILVA, 2005, p. 21).

Os programas temáticos têm como característica abordar apenas uma esfera social. No caso do telejornalismo esportivo, o esporte e tudo que o implica, desde o jogo ou evento em si, até leis de incentivo ao esporte e preparação dos atletas.

Nesta monografia vamos focar nos boletins diários informativos, que é o caso do Globo Esporte. Nosso foco de estudo é o Globo Esporte exibido na TV Integração, uma emissora de caráter regional. E para isso, iremos apresentar agora as características do telejornalismo regional e de que forma o esporte está inserido neste contexto.

#### **4. Telejornalismo Regional**

O processo de regionalização da televisão brasileira começa na década de 1980, consequência do projeto de expansão da Rede Globo, maior grupo comunicacional do país e que após se fortalecer como a principal emissora brasileira nas décadas de 1960 e 1980, começa a buscar formas de também se fortalecer no interior do país.

Foi, então na década de 80, que o projeto de regionalização ganhou força com a implantação, em seu organograma, de um setor específico para atender as suas afiliadas: a CGAE- Central Globo de Afiliadas e expansão- responsável por viabilizar as emissoras locais em todas as necessidades como: programação, engenharia e jornalismo. Nessa Central, as preocupações iniciam-se na qualidade do sinal que chega aos lares dos telespectadores até o investimento realizado pelas emissoras regionais em seus diversos departamentos (BAZI, 2001, p.4).

Vale ressaltar que não foi a Rede Globo que criou todas as emissoras regionais do Brasil. Muitas já existiam e cresceram junto com o processo de expansão da televisão nacional, porém a emissora carioca comprou e criou várias redes de transmissão regional, reformando as já existentes e dando toda a qualidade técnica necessária para que a televisão regional fosse impulsionada e solidificada nas diversas regiões brasileiras.

Costa (1998) afirma que na geografia não convencional o termo região vai além do aspecto geográfico em si. O aspecto mais importante para delimitar uma região é a

realidade histórico-social presente em cada uma delas. Não existe ao certo uma definição para as emissoras regionais, mas podemos salientar que a TV regional é aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tem sua programação voltada para ela mesma.

Resulta na negação da ideia de regiões homogêneas e a preocupação, nesse momento reside no sentido de a televisão regional “eleger” uma cidade ou um grupo de municípios para realizar sua cobertura jornalística. É claro que, sob esse aspecto, deve-se levar em consideração o fator econômico e os aspectos operacionais da emissora regional como ato propulsor para sua sobrevivência, caracterizando dessa forma certa singularidade cultural, fato que se opõe à diversidade cultural de uma região (BAZI, 2001, p. 5-6).

O telejornalismo regional se tornou necessário na sociedade contemporânea. A globalização trouxe consequências que fragmentaram e descontinuaram a valorização da identidade nacional. Houve um processo inverso, em que a valorização do local se tornou mais importante. O telespectador precisava de notícias que estavam próximas a sua realidade, foi necessário estabelecer uma identidade com o público.

De maneira talvez paradoxal, *a priori* a ampliação do universo de informações e a facilidade de acesso para obtê-las contribuíram para que o homem globalizado buscasse também reafirmar suas raízes locais. E é nesse aspecto que as temáticas regionais assumem papel relevante no contexto da comunicação, com destaque para a televisão brasileira (MATA apud MARTINS, 2009, p. 15)

Atualmente existe a necessidade de obter maior interatividade para criar uma identidade positiva com o telespectador. Nos noticiários de produções televisivas regionais é aconselhável a participação da população, não apenas como telespectadores, mas também como produtores de informações, consequência da convergência midiática e da revalorização local no mundo pós-globalizado.

Esta mudança na forma como se produz e é veiculada a notícia vai ao encontro da principal função de uma televisão regional, onde tem que haver interação e participação de forma mais ativa da vida de suas comunidades, estando presentes no dia a dia das cidades e destacando algumas características daqueles habitantes.

Os diferentes discursos empregados pelas emissoras de TV que nos servem de recorte empírico, em seus programas noticiosos, nos dão pistas de que essa realidade também é socialmente construída. E ainda, que a mesma varia de acordo com a linguagem empregada, a tematização dos problemas na agenda pública, na tipificação de personagens que compõe as matérias e por meio da cambiante relação discursiva que as emissoras tentam manter com seu público ao longo de cada edição e ao longo do próprio tempo (MATA, 2011, p. 67).

A partir de agora iremos aprofundar naquilo que é o tema central deste trabalho. Vamos detalhar a história e o tipo de jornalismo praticado pela TV Integração, mais especificamente ao programa Globo Esporte.

#### **4.1 TV Integração e um pouco da história da TV em Juiz de Fora**

No dos anos de 1960, por conta da localização geográfica próxima ao Rio de Janeiro, Juiz de Fora recebia sinal de três grandes emissoras: TV Rio- Canal 13, TV Tupi e a TV Continental- Canal 9. Emissoras locais na cidade também começavam a surgir na década de 1960, caso da TV Mariano Procópio, canal 7, que não tinha recursos gráficos, cenários ou vinhetas veiculadas para a cidade, mas pode ser considerada a primeira emissora televisiva juiz-forana.

Em 29 de julho de 1964 é inaugurada em Juiz de Fora, a TV Industrial. A maioria dos programas produzidos pela emissora era feito na própria cidade, ao vivo e no improviso. A TV industrial se destacou, pois buscava autonomia, só veiculando programação local. A programação contava com programas educativos, esportivos, de auditório, além do jornalismo. Pode-se dizer que a TV Industrial conseguiu, já na década de 1960, cumprir com a principal função do telejornalismo local, e tentou aproximar a comunidade de sua realidade.

Mesmo com a produção e veiculação de notícias locais, o telejornalismo não foi determinante para a construção da identidade da emissora. A limitação tecnológica não permitia que se veiculassem imagens fora do estúdio, o que dificultava uma maior identificação com o público, ou seja, a comunidade não se enxergava na programação (MARTINS, 2008, p. 91-92).

Em 1980, a TV Industrial é vendida à Rede Globo. A partir de então a emissora passou a se chamar TV Globo Juiz de Fora e teve que seguir os parâmetros de transmissão da emissora carioca, se enquadrando ao chamado Protedef- primeira sigla existente para o atual padrão globo de qualidade- que tinha como objetivo principal

diminuir as distorções entre as diferentes regiões do país, padronizando a qualidade do telejornalismo em todas as emissoras do canal. Quase a totalidade da programação da emissora, aproximadamente 90% eram conteúdos nacionais, importados da matriz. Apenas as missas de domingo e telejornal local foram mantidos na grade. Na década de 1990, ela se adequa aos novos modelos emergentes no telejornalismo brasileiro, e em 1998 muda de nome e passa a se chamar TV Panorama, voltando a reforçar a valorização do conteúdo local.

O estímulo à nova regionalização faz com que o espaço reservado ao telejornalismo local cresça de 15 minutos para 50 minutos diários. Os telejornais MGTV 1ª e 2ª edição passam a ser apresentados também no estúdio de Juiz de Fora, em interação com os apresentadores da Globo Minas. Os programas Panorama Revista e Panorama Esporte são incorporados à grade, além da criação de um departamento de marketing. Este se encarregava de um forte trabalho para atentar à população que a Rede Globo não estava indo embora da cidade (MARTINS apud COUTINHO, 2006 et al., 2006, p.6).

A partir de 2003 a TV Globo decide diversificar seus investimentos na área da comunicação e vende algumas de suas emissoras locais. Como explica Simone Martins (2008), a TV Panorama passa por diversas mudanças, é vendida pela Rede Globo para o empresário Omar Rezende Peres.

Em 2008, as Organizações Panorama de Comunicação passam por crise financeira e vendem 50% das suas cotas para a Rede Integração, um dos maiores grupos de comunicação do interior do estado de Minas Gerais, que compreende as regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Centro-Oeste, Noroeste, Campo das Vertentes e Zona da Mata, abrangendo 259 cidades (MARTINS, 2009, p. 93).

O editor-chefe e apresentador do Globo Esporte da TV Integração, Inácio Novaes, em entrevista a esse pesquisador, conta qual é a história do esporte na emissora.

No começo dos anos 2000, quando a TV Integração ainda se chamava TV Panorama, havia um programa esportivo chamado Panorama Esporte. O conteúdo era totalmente voltado para a região, tinha muitas notícias do Tupi e de outros eventos esportivos. Esse programa ia ao ar antes do MGTV 1ª edição, todos os dias, mas durou pouco. Em 2012, quando a emissora mudou de nome e passou a se chamar TV Integração eu assumi a chefia de esportes. Até então tínhamos

apenas dois dias de esporte na TV, dentro do MGTV, todas as segundas e quintas-feiras, é claro que se tivesse alguma notícia relacionada ao esporte em outros dias era exibido no MGTV, mas um bloco mesmo que eu entrava no estúdio, conversava com a apresentadora, exibindo duas ou três reportagens, segunda e quinta apenas. Até que em 2014 foi criado o bloco regional do Globo Esporte, era uma demanda antiga da população e já existia em outras afiliadas da Globo. (NOVAES, Inácio. **Entrevista I.** [outubro 2015] Entrevistador: Hugo Amichi. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo .mp3 (14:52 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia.)

Inácio Novaes (informação verbal)\* salienta a importância que o GE da TV Integração tem para a cidade de Juiz de Fora. Para ele, o programa que era passado na região, o Globo esporte de BH, não atendia a demanda do esporte em local, pois a população não se identificava com as matérias exibidas que tinha um enfoque total em times de BH, Cruzeiro e Atlético. E como na região a maioria das pessoas torce por times do Rio de Janeiro e pelo Tupi, foi criado o bloco regional da atração, são apenas oito minutos, que falam do esporte na região, diminuindo o tempo para Cruzeiro e Galo e aumentando para os demais assuntos.

Novaes (informação verbal) ainda nos contou como é feita a produção do programa. Apenas duas pessoas ficam encarregadas dessas funções, sendo ele o editor chefe e apresentador, e Diego Alves, como produtor. Ele ainda diz que quando é necessário de uma equipe de reportagem para fazer as matérias que são vinculadas, utiliza profissionais da TV que trabalham para outras atrações da grade, como repórteres do MGTV, por exemplo.

Após contextualizarmos a história da TV Integração e como o esporte foi incluso na grade de programação da emissora, vamos a partir de agora analisar o conteúdo.

## **5. Análise quantitativa e qualitativa do GE TV Integração**

Como foco principal deste artigo, pretendemos verificar se o esporte na TV Integração tem uma amplitude local, que possibilita uma maior identificação do público com o programa. Ainda queremos verificar se o conteúdo transmitido pelo programa a ser analisado, o Globo Esporte, busca na sua produção o enfoque em práticas

---

\* NOVAES, Inácio. **Entrevista I.** [outubro 2015] Entrevistador: Hugo Amichi. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo .mp3 (14:52 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia

desportivas praticadas na região da Zona da Mata\* e Campo das Vertentes\*.

Para alcançar tais objetivos buscamos utilizar a análise de conteúdo por meio do método de análise qualitativa e de análise quantitativa nas matérias exibidas, de acordo com o tempo determinado para tal. Segundo Moraes (1999) a análise de conteúdo constitui-se de uma metodologia de pesquisa para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. A definição do autor vai de encontro ao que foi proposto neste trabalho, pois descrevendo e interpretando o conteúdo de forma qualitativa e quantitativa poderemos atingir a compreensão dos significados que vão além de uma leitura prévia e superficial.

Para Campos (2004) o conjunto de técnicas de uma análise tem a comunicação como ponto de partida. “Diferente da estocagem ou indexação de informações, críticas literárias são sempre feitas a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de inferências” (2004, p. 613). A ação de inferir vem por lógica ser aquela que vai admitir uma preposição em virtude de outras preposições já existentes. Em suma, produzir tais inferências é a razão, a base da análise de conteúdo.

Com o intuito de buscar o elo entre a região da Zona da Mata e Campo das Vertentes e o esporte, escolhemos o único programa da TV Integração que produz conteúdos voltados para subgênero esporte: o Globo Esporte. O programa, veiculado pela TV Globo em âmbito nacional, também tem um foco regional, consequência do número de filiadadas e expansão territorial do país. A ideia é mostrar o quanto o GE regional cria uma identificação com a região a qual ele serve a sua produção noticiosa.

A análise foi realizada entre os dias 14 a 21 de outubro de 2015. Foram feitas sete análises, dos sete programas que foram veiculados pela emissora neste período. Aos domingos o programa não é exibido pela grade. O contexto também foi favorável, pois durante o período analisado, o Tupi, time de futebol profissional de Juiz de Fora, subiu para a segunda divisão do campeonato nacional de futebol. Com esta conquista fica importante salientar que o esporte regional não teve apenas a atenção dos moradores da Zona da Mata e Campo das Vertentes, mas também teve um enfoque

---

\* A Zona da Mata Mineira é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais, formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões. Situa-se na porção sudeste do estado, próxima à divisa dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito.

\* A mesorregião do Campo das Vertentes é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais. É formada pela união de 36 municípios agrupados em três microrregiões: Lavras, Barbacena e São João Del Rei.

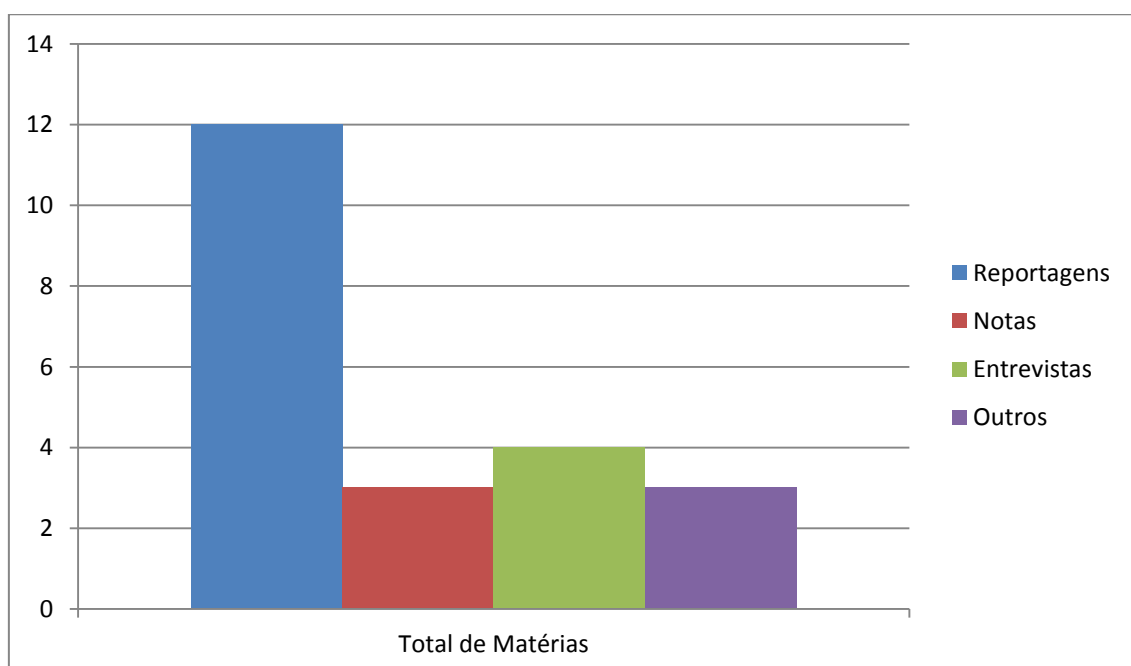
nacional.

A seguir começaremos a análise qualitativa e quantitativa da atração esportiva, resolvemos começar tal análise de conteúdo na quarta-feira, 14 de outubro de 2015, pois precisávamos ter um tempo mínimo de análise, estipulado em uma semana, e também tínhamos a necessidade de cobrir o possível acesso do Tupi para a segunda divisão do futebol nacional, já que o momento é histórico e bastante representativo para a região em que o programa é transmitido.

### 5.1 Análise quantitativa

O programa GE da TV Integração tem a duração total de 25 a 35 minutos, mas o primeiro bloco é destinado ao esporte local é apenas o primeiro, com aproximadamente 8 minutos. Logo após o primeiro intervalo, as filiadas cedem o espaço para o Globo Esporte nacional. No caso do GE da TV Integração o tempo restante do programa é cedido para a TV Globo Rio, quando são dadas notícias nacionais e internacionais relacionadas ao esporte.

Buscamos fazer a análise qualitativa focando em quatro relevantes pontos de uma transmissão em âmbito regional: Fizemos primeiramente um levantamento geral de como a informação é transmitida no programa, seja por meio de notas secas e cobertas ou reportagens mais elaboradas.



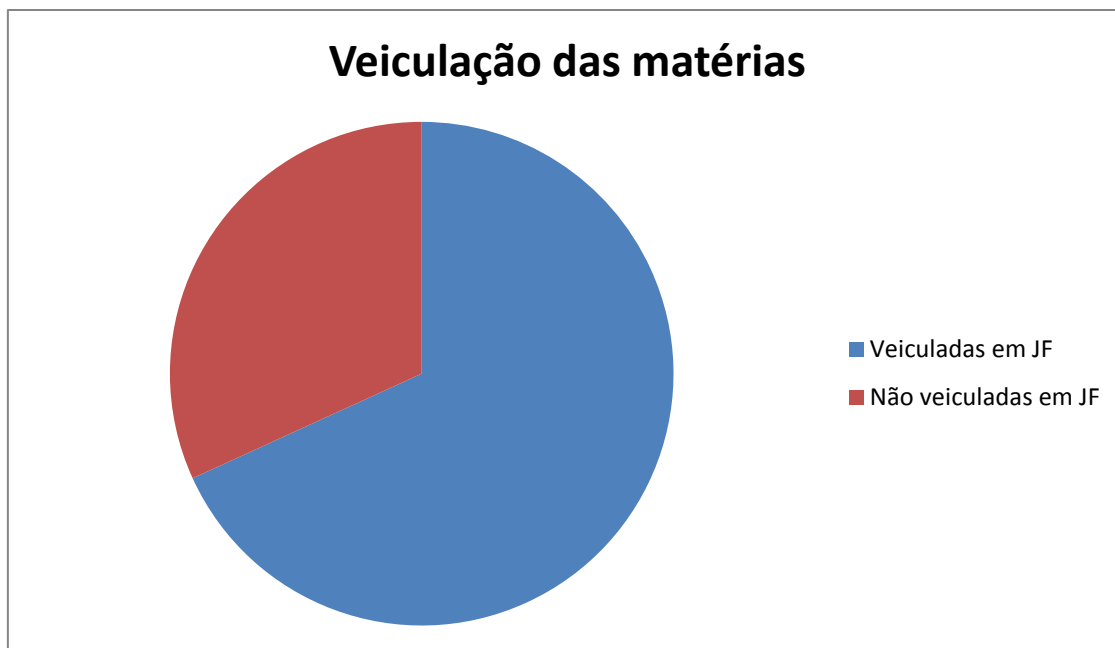
**Gráfico 1**



Percebemos que no total de 22 notícias veiculadas durante este período, a maioria eram reportagens, totalizando doze. Como em toda prática de jornalismo esportivo brasileiro, o enfoque das reportagens é em sua maioria sobre o futebol. Destacam-se reportagens destinadas ao *Tupi Football Clube*, pois é o clube da região que alcança um nível estadual e nacional, sendo de grande interesse da população local ter mais informações do time.

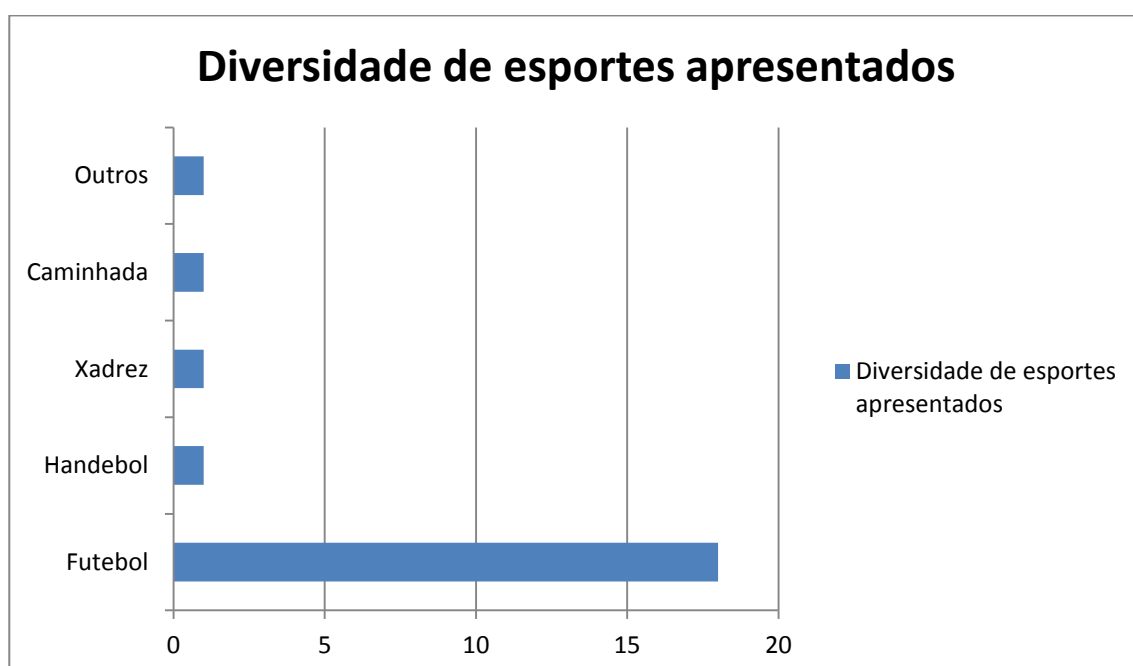
O restante fica dividido em poucas notas, todas em forma de notas secas, totalizando três. Elas têm o intuito de convidar a população local para os eventos esportivos que ocorrem na cidade de Juiz de Fora e as demais da região. Já as entrevistas apresentadas, somando quatro, são com personalidades da região, sobre algum tema atemporal. Ocorreram ainda uma crônica em homenagem ao acesso do Tupi para a série B, e um link gravado, direto de Maceió, capital do Alagoas. Para finalizar, um bate papo com o comentarista Diego Alves, também com uma análise mais específica do jogo do Tupi. Vale destacar que essas reportagens especiais foram feitas, pois nas datas em que a análise foi realizada, o time de Juiz de Fora estava com o acesso quase garantido para a série B do futebol nacional, o que foi confirmado nas duas edições analisadas pós o acesso.

Feito um gráfico geral sobre como as informações eram difundidas pelo programa, passamos agora a focar no quanto o GE regional destina o tempo para a produção esportiva regional. As 22 matérias foram analisadas da seguinte maneira: matérias que são sobre o esporte na cidade de Juiz de Fora, sede da TV Integração. Quais matérias não eram sobre a cidade de Juiz de fora, mas sim sobre outras cidades da região, além de reportagens em nível local e nacional.



**Gráfico 2**

Neste gráfico fica claro que em questão de esporte regional o programa deixa a desejar, pelo menos no período em que a análise foi realizada. De todas as matérias produzidas, entre notas secas, entrevistas e reportagens, nenhuma apresentava ser de outra cidade da região, que não fosse Juiz de Fora. Foi um total de 15 matérias destinadas ao esporte local, mas todas elas para o público específico de Juiz de Fora. As outras sete matérias são de âmbito nacional, destinadas aos dois grandes clubes de futebol do estado, Cruzeiro e Atlético.



### **Gráfico 3**

Também fizemos a análise abordando quais esportes eram retratados no programa. A maioria considerável, quase a totalidade das matérias, eram relacionadas ao futebol, foram 18 relacionadas com o esporte, destaque para o Tupi, Cruzeiro e Atlético. Em todas as edições aparecem informações sobre os três clubes, sejam entrevistas, notas secas ou reportagens, presumimos que a linha editorial do programa tem que obrigatoriamente mencionar os três em todas as edições. A exceção fica por conta do programa posterior ao acesso do Tupi, todo dedicado à conquista do clube. Os demais esportes que tiveram um mínimo de destaque foram o handebol, caminhada e xadrez, cada um com uma reportagem cada. Além de uma nota seca, informando sobre uma copa de masters em Juiz de Fora.

### **5.2 Análise qualitativa**

Terminada a primeira parte, vamos a partir de agora fazer a análise qualitativa das matérias apresentadas. Todo o conteúdo apresentado vai de encontro a toda a biografia estudada e explicitada neste trabalho. Focamos nossas pesquisas especialmente na área regional, como no trabalho em um todo. Portanto procuramos analisar apenas aquelas matérias que especificamente tratam do âmbito regional, totalizando 15 das 22. Resolvemos retirar da análise as matérias de cunho nacional, pois esta monografia não tem por objetivo o enfoque nacional, mas sim o regional.

#### **- Quarta-feira, 14.10.2015**

O apresentador Inácio Novaes começa o programa criando a expectativa para o possível jogo de acesso do Tupi para a série B, reiterando que faltavam apenas cinco dias. Porém a primeira reportagem do programa é sobre o campeonato de xadrez na região. O apresentador chama o VT: “ Estão abertas as inscrições para a sexta etapa da Liga X, o maior campeonato do esporte na região”. Neste momento o repórter Augusto Medeiros realiza uma entrevista com um dos organizadores da competição, o professor Haroldo Guimarães. Ele diz a data em que será realizada a competição e passa demais dados sobre como participar. O repórter pergunta se aprender a prática do xadrez e ainda cita dois livros do entrevistado sobre as práticas do esporte. O entrevistado responde, e no fim o repórter cede o espaço para o professor fazer o convite para os interessados participarem. Haroldo então diz: “Dia 25 de outubro, no setor de Educação Física da AEFID, no ginásio, aberto para todos, quem quiser conhecer o xadrez é só ir

lá, não paga nada.” A entrevista ocupa 2’ 21” do programa.

O apresentador Inácio Novaes dá uma nota seca, referente a um campeonato de *masters* realizado na cidade de Juiz de Fora: “Em novembro acontece uma Copa Master em Juiz de Fora pra quem já tem mais de 55 anos, e tem um monte de modalidades. Natação, vôlei, boliche, baralho e até sinuca. As inscrições vão até quarta que vem no site da secretária de esportes da prefeitura”. Encerra a nota seca que teve a duração de 10”.

A partir de então, o apresentador começa a falar sobre o futebol. Inácio chama um VT com uma entrevista concedida pelo técnico do Tupi, Lestor Júnior: “Agora o futebol. Qual será a escalação do Tupi para o jogo contra o ASA? Será que Kaio Wilker será mantido? O Bruno Aquino volta? Será que tem mais alguma surpresa? A gente tentou descobrir alguma pista com o técnico Lestor júnior, mas ele faz mistério”. É feito um *stand-up* com o treinador do Galo Carijó, que repassa informações sobre o time. Na volta para o apresentador, Inácio justifica que o programa tentou entrevistar os jogadores, mas os mesmos não foram liberados para dar entrevista. O *stand-up* é de 1’ 22”.

Após a matéria sobre o Tupi, o programa foca no campeonato brasileiro e começa a passar notícias sobre Cruzeiro e Atlético, depois Inácio apenas encerra o bloco regional do Globo Esporte, os dois próximos blocos foram destinados ao Globo Esporte nacional.

Podemos verificar que dos 8’ destinados ao GE TV Integração, mais de metade foi abordando o esporte regional, apenas em 4’ 22” é que o assunto passa a ser de nível nacional. Também é interessante salientar que o programa teve uma diversidade dos esportes, sendo uma entrevista sobre o xadrez, uma nota seca sobre a Copa de Masters da cidade e uma entrevista, sobre futebol, com o técnico do Tupi. Podemos concluir que o programa do dia 14 de outubro foi bastante regional e com esportes bem diversificados.

#### **-Quinta-feira, 15.10.2015**

O apresentador Inácio Novaes, começa o programa novamente fazendo uma contagem regressiva para o acesso do Tupi para a segunda divisão nacional. Ele chama

o VT sobre uma torcedora que é apaixonada pelo clube de Juiz de Fora e que vai até Arapiraca- AL, ao estádio Coaracy da Mata Fonseca, torcer pelo acesso do time de coração. A repórter Laila Hallack vai à casa da torcedora e apresenta toda a paixão da juiz de forana com o clube do coração. Laila enfatiza a distância entre Juiz de Fora e Arapiraca e a torcedora responde de forma apaixonada: “Pra acompanhar meu galo eu vou para qualquer lugar, essa é mais longe, mas tenho a expectativa de na série B viajar muito mais. Onde o Tupi tiver e eu puder, com certeza estarei”. A reportagem se encerra com a torcedora mostrando o que vai vestir no jogo decisivo.

O programa volta para o estúdio, e o apresentador chama um VT com uma entrevista do técnico do Tupi sobre o jogo decisivo: “E nós vamos ver agora um trecho da última entrevista do técnico Lestor Júnior onde ele garante que a pressão externa em Arapiraca não vai atrapalhar”. O *stand-up* é o mesmo que foi gravado para a edição anterior, mas o treinador concede outras informações além das passadas anteriormente. Após o VT Inácio passa as informações dos últimos treinos e como a equipe irá se deslocar até Arapiraca, local da partida Com isso se encerra a parte regional do programa, as duas outras reportagens da edição é sobre o Cruzeiro e Atlético.

Nesta edição do GE TV Integração, percebe-se novamente que o tempo dado ao esporte regional é mais da metade do programa. São 7’57” desta edição, sendo 4’34” destinados ao esporte regional, mais especificamente sobre o Tupi, o programa não contou com nenhuma outra matéria ou mesmo nota seca ou coberta sobre nenhum outro esporte.

#### **- Sexta-feira, 16.10.2015**

Inácio Novaes começa o programa novamente fazendo a contagem regressiva dos dias do acesso: “Boa tarde! O Globo Esporte tá no ar, com a contagem regressiva a todo vapor, faltam só três dias pro jogo entre Tupi e ASA, vale vaga na série B! E o carijó fez ontem mais um treino fechado”. Após chamar o VT, entra uma reportagem sobre a preparação final do Tupi para o confronto. O repórter Diego Alves salienta que os treinamentos não puderam ser gravados pela imprensa, pois o treinador preferiu fazer o trabalho com portões fechados. Mas ao final da atividade ele entrevistou o atacante da equipe, Felipe Augusto, que respondeu sobre a expectativa para o confronto e como a equipe deveria se portar na decisão. Após o VT, que teve 2’25”, Inácio conversa no

estúdio com Diego Alves, que está no estúdio para fazer comentários ou complementar informações que faltaram na reportagem e analisa taticamente a partida entre Tupi e ASA. Os comentários de Diego ocupam 2'26" da edição.

Por fim Inácio chama uma reportagem sobre o adversário do Tupi, o Asa de Arapiraca. A notícia começa com uma nota coberta em que o próprio Inácio passa as informações da equipe alagoana. Depois com a ajuda da afiliada local em Arapiraca é feito um povo fala com os torcedores sobre as chances da equipe alagoana conseguir vencer o Galo Carijó, além de uma entrevista coletiva do meio campo do ASA, Valdene. A reportagem tem 01'14". Na volta, Inácio encerra o bloco regional, dando espaço para o Globo Esporte nacional.

Como está edição foi uma das últimas antes da partida decisiva do Tupi, todos os 07'53" foi destinada ao time de futebol de Juiz de Fora, direta ou indiretamente fazendo referência ao Tupi. Foi possível perceber o esforço da equipe local em passar informações sobre os dois times. Vale destacar também a presença do comentarista no estúdio, dando maior ênfase a partida e explicando de forma mais detalhada como o time do Tupi joga.

#### **- Sábado, 17.10.2015**

O programa no final de semana foi o mais curto de todas as edições analisadas. Com um tempo total de 06'08", o Globo Esporte fez apenas uma reportagem especial sobre como tinha sido a última passagem do Tupi pela série B nacional, na década de 1980.

O repórter Diego Alves, foi até a casa de um torcedor fanático do Galo Carijó, Léo Lima. O professor, que estudou a história do Tupi, deu detalhes de quando o time disputou a série B pela primeira vez, em 1989. A reportagem foi feita na casa de Léo, onde estão espalhadas várias fotos da história do clube, com os times do tupi que fizeram sucesso ou se sagraram campeões. A reportagem é toda feita no formato de entrevista, enquanto o professor vai falando das histórias do clube, imagens dos quadros espalhados pela casa vão sendo mostradas, assim como as camisas históricas da equipe.

A entrevista especial ocupa todo o tempo da atração, na volta do VT, o apresentador Inácio Novaes encerra o programa salientando que na segunda feira o programa será especial, pois a equipe da TV Integração iria até Arapiraca, local da partida, trazer as informações do Tupi para o jogo decisivo.

Podemos perceber que na edição de sábado, o programa teve uma duração menor, em consequência da apresentação de outros programas da emissora vinculados nesse dia, já que a TV Globo cede o espaço maior na grade para suas filiadas no sábado. Com relação ao conteúdo, segue a mesma linha de raciocínio dos demais dias, trazendo uma cobertura especial sobre o Tupi.

#### **-Segunda-feira, 19.10.2015**

A apresentadora desta edição é Camila Saenz. Ela começa dando ênfase ao jogo do Tupi, o acesso do time para serie B, o programa ocorreu no dia jogo. Camila diz: “Olá gente, boa tarde. Globo Esporte no ar, dia importantíssimo para o Tupi, para Juiz de Fora, faltam poucas horas para o jogo do acesso, hoje às oito e meia da noite tem Asa e Tupi lá em Arapiraca, interior de Alagoas, e o GALO CARIJÓ tem tudo para conseguir a vaga na série B”. Após se apresentar ela explica o motivo de estar apresentando o programa, e diz que o apresentador oficial Inácio Novaes está em Alagoas para cobrir a partida. Ela então chama um VT, com o tempo de 03’44”, em que Inácio aparece entrevistando torcedores do Tupi que estão em Maceió e iriam para Arapiraca, assistir a partida. Além dos torcedores, ele também entrevista a presidente do Clube, Míriam Fortuna. Em um primeiro momento parece que a transmissão era ao vivo, em link direto, mas depois fica nítido que foi gravado antes. Em certo momento Inácio deixou transparecer o dia que foi gravado a entrada, ao perguntar ao torcedor o que ele esperava do jogo, o repórter se referiu a segunda feira como amanhã. Após a análise verificamos que link foi realmente gravado no domingo, pois na segunda na hora do programa eles estavam viajando até Arapiraca, local do jogo.

O VT termina, e a apresentadora Camila Saenz lê uma nota seca convidando os torcedores: “Se você ficou aqui em Juiz de Fora, não tem problema. A festa aqui na

cidade também promete ser grande. Aliás, a torcida tem ponto de encontro marcado, Praça Antônio Carlos com direito a telão e tudo”. Para falar de Cruzeiro e Atlético a apresentadora também utiliza de uma breve nota seca, total de 00’31”, com o resumo da rodada dos jogos de ambos no final de semana e a situação na tabela do campeonato brasileiro série A.

Para finalizar o bloco regional de segunda feira, a apresentadora chama uma reportagem sobre corrida de rua. A corrida contra a inclusão é um evento esportivo destinado a deficientes físicos, seu objetivo é a inclusão de todos no esporte. O repórter Felipe Menicucci fez uma reportagem completa sobre o evento, trazendo a entrevista de organizadores e participantes da corrida, a matéria tem a duração de 02’02”. No estúdio, Camila encerra a edição de segunda-feira.

Apesar do programa ser no dia da partida de acesso do Tupi, é interessante salientar que houve um evento esportivo de importância significativa para os deficientes físicos no final de semana. O programa foi cobrir esse evento e destinou boa parte dos 8 minutos que tem para o mesmo. Nota-se também que quando a pauta sobre o esporte regional está maior, é tirado o tempo de exposição de Cruzeiro e Atlético. Nesta edição, que geralmente passaria os melhores momentos dos times do estado na série A, abordou apenas uma nota seca com a informação dos jogos e a situação de ambos na tabela, provando mais uma vez que o enfoque do programa é regional.

### **-Terça-feira, 20.10.2015**

Com a apresentação de Camila Saenz, pois Inácio ainda não havia retornado de Alagoas, o programa repercutiu o jogo que deu a vaga para o Tupi disputar a segunda divisão do campeonato brasileiro da série B em 2016.

A edição de terça-feira começou diferente, com um vídeo mostrando a torcida em Juiz de Fora durante e depois o jogo. A apresentadora começa o programa com as cores da transmissão em preto e branco, para homenagear o galo carijó. Ela também parabeniza o Tupi: “É série B, é muita emoção! Mas calma, pode largar seu controle que sua vida TV não tá preta e branca não, hoje é tudo preto e branco. O grito que estava entalado na garganta, agora ecoa pela cidade, um grito de vitória que veio lá de Arapiraca”. Desta forma ela chama o VT, e o repórter Inácio Novaes começa a destacar o jogo, entrevista torcedores antes da partida e mostra os gols da classificação da equipe



de Juiz de Fora, a reportagem dura 02'29".

Após o VT, a apresentadora Camila Saenz chama outra matéria sobre o acesso do Tupi, mas desta vez como foi à repercussão do jogo em Juiz de Fora. O repórter Diego Alves foi ao local de concentração da torcida, Praça Antônio Carlos, entrevistar os torcedores. Um deles deu um depoimento bem humorado e confiante: "O ar que eu respiro, Tupi é paixão, eu amo esse time! Eu trabalho de graça, eu faço tudo pelo Tupi, é galo na veia!". A matéria mostra a festa dos torcedores pós o acesso e tem seu encerramento com o total 03'40".

A edição volta para a apresentadora que entra em um link ao vivo com o repórter Luiz Felipe Falcão, que entrevista um dos maiores craques da história do Tupi, Moacir Toledo. O ex-jogador pouco fala, pois estava bastante emocionado, a entrevista começa aos 06'20" e termina com 08'03". O repórter volta o programa para o estúdio e Camila encerra a edição com a camisa do Tupi nas mãos, parabenizando a equipe mais uma vez.

O que pode se analisar é que esta edição foi feita para homenagear o acesso do Tupi. Foi um programa simples, que contou com todos os elementos possíveis para tal homenagem. Desta vez não teve notícias sobre nenhum outro tipo de esporte, nem em âmbito local, nem em âmbito nacional. Foram duas reportagens, uma sobre o acesso, onde ocorreu o jogo e outra sobre a repercussão na cidade de Juiz de Fora. Além da entrevista com um dos maiores ídolos do time. Um programa inteiro dedicado ao Tupi, que fez o feito mais importante para o esporte regional neste ano.

Vale destacar também o esforço feito pela equipe da TV Integração. O acesso do Tupi era de grande destaque para o esporte regional, e presença de uma equipe em Alagoas salienta que o programa, mesmo com suas limitações na produção, tentou levar para o torcedor todas as informações possíveis da equipe.

#### **- Quarta-feira, 21.10.2015**

O programa de quarta-feira é novamente apresentado por Inácio Novaes que havia retornado de Alagoas. Ele já começa o programa chamando o VT com a chegada do time do Tupi à Juiz de Fora: "Oi gente, globo esporte no ar. Eu voltei e o Tupi também voltou, para os braços da torcida". A reportagem feita pela repórter Felipe

Menicucci, mostra cerca de 100 torcedores do Tupi que foram ao aeroporto receber os jogadores. Depois foi feita a repercussão da chegada dos jogadores na cidade e na sede do clube. A reportagem começou aos 00'22" terminou aos 03'18" do bloco, totalizando 2' 56" de VT.

Na volta para o estúdio, Inácio chama um povo fala com os torcedores do Tupi em Juiz de Fora e a opinião deles sobre o acesso da equipe, a repórter que fez o povo fala não apareceu no vídeo, apenas narrou o povo fala e entrevistou as pessoas nas ruas, tempo de duração foi de 02'17". Depois Inácio chama uma crônica feita pelo repórter Diego Alves sobre a conquista do Tupi, essa crônica vai de 05'27" a 08'23" do bloco, com um total de 2' 55", e conta a trajetória da equipe durante toda a competição para conseguir a vaga na série B. Inácio encerra a edição de quarta-feira com 08'42".

A última edição analisada segue o modelo proposto da edição anterior e ainda retrata o feito da equipe de futebol de Juiz de Fora. O programa conta apenas com matérias relacionadas ao Tupi e com uma crônica especial, que não esteve presente nas edições já analisadas.

Na entrevista cedida para este trabalho, Inácio Novaes (informação verbal) explicou alguns pontos importantes. Perguntado por que o GE TV Integração é praticamente todo sobre o esporte em Juiz de Fora e não em todas as cidades da região, ele justificou que o tamanho da equipe, limita a cobertura esportiva do programa. Ele enfatizou que gostaria muito de cobrir outros esportes em outras cidades, como Barbacena e São João Del Rey, por exemplo. Aliás em cidades de maior importância na região, como as duas citadas anteriormente, a uma equipe local da TV Integração, mas conta com apenas um repórter, que além do esporte cobre as demais notícias das localidades.

Perguntado por que Cruzeiro e Atlético tem maior visibilidade que as equipes do Rio de Janeiro no programa, Novaes (informação verbal)\* disse que não é exigência passar as informações dos clubes de Belo Horizonte, é apenas uma recomendação que é seguida na linha editorial do programa. Os times mineiros, por mais que tenham uma representação nacional, não tem espaço no Globo Esporte nacional, e para preencher essa lacuna, Cruzeiro e Atlético são citados no bloco regional, com o tempo que resta, já que nos dois outros blocos nacionais do programa, os times cariocas sempre estarão em destaque. Dessa forma ele conclui que a maioria dos torcedores da região não torce por

Cruzeiro ou Atlético, mas existem torcedores desses clubes por aqui e como são times do estado, devem ser repassadas informações de ambos, mesmo que de forma curta, na maioria dos programas.

Por fim, Inácio (informação verbal)\* explicou que o número de matérias destinadas ao futebol é bem maior que os demais esportes, porque isso é um reflexo da sociedade brasileira e do jornalismo esportivo no país. Ele justificou, dizendo que a esmagadora maioria dos programas esportivos no país tem como assuntos principais o futebol, e deu exemplo do próprio Globo Esporte, explicando que os programas de âmbito nacional também falam mais sobre o futebol do que os demais esportes.

Em suma, a análise feita sobre o Globo Esporte TV Integração realmente tem por objetivo maior mostrar o esporte na região. Em todas as edições analisadas o tempo destinado ao esporte local é bem superior a qualquer outra informação sobre o esporte nacional ou até mesmo estadual. Fica claro também que o programa mesmo tendendo a transmitir informações sobre o esporte local, fica muito estatizado em Juiz de Fora, cidade sede da emissora. Além da pouca diversidade de eventos esportivos que ocorrem na região, foram poucas matérias destinadas a outros esportes, sendo o time de futebol do Tupi, alvo constante da produção do programa, percebe-se que a cobertura sobre a equipe de futebol é feita de forma diária.

## **6. Conclusão**

O objetivo deste trabalho era averiguar a existência de vínculos entre o telejornalismo de produção local produzido pelo Globo Esporte TV Integração e o público ao qual ele se destina para averiguar se esse programa atua efetivamente como um local de identificação para a sociedade que habita a região.

Percebemos, ao concluir a análise, que o programa cumpre de forma satisfatória seu objetivo, e exerce a função de referência quanto às informações do esporte na região. Porém, ele deixa a desejar na amplitude dessas informações, pois não consegue alcançar toda a região, focalizando mais nas práticas esportivas que acontecem em Juiz

---

\* NOVAES, Inácio. **Entrevista I.** [outubro 2015] Entrevistador: Hugo Amichi. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo .mp3 (14:52 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia

de Fora, sede da TV Integração.

Acreditamos que a cobertura feita pelo programa na cidade seja responsável por estabelecer vínculos com os telespectadores, ao produzir um jornalismo de proximidade. O que foi explicado pelo editor chefe do Globo Esporte TV Integração, Inácio Novaes (informação verbal), salientando que o público da cidade tinha a necessidade de assistir a um programa que os mesmos poderiam criar uma identificação, isso se torna positivo, pois concluímos que as informações nacionais relacionadas ao esporte podem ser acessadas e vistas de várias formas, em vários tipos de meios de difusão da informação. Mas as notícias de âmbito regional tem pouco espaço na grande mídia, sendo necessário o espaço que o Globo Esporte regional tem.

Além da grande identificação que o programa exerce com a região, também mostramos um breve histórico de como a televisão se tornou o meio de comunicação mais abrangente e como ela tem papel de identidade cultural e coletiva. Com o trabalho pode-se concluir que a história da televisão brasileira está enraizada na cultura do nosso país, como veículo de maior destaque. Os números de aparelhos televisivos no país é uma das constatações apresentadas na monografia.

Com o resgate histórico feito em relação ao jornalismo esportivo brasileiro, vale destacar a evolução da profissão ao longo dos anos. No início totalmente marginalizado pela sociedade e pela mídia, mas que depois de alguma forma venceu o preconceito e hoje se mostra uma das principais editorias jornalísticas com maior importância de todas.

Ainda podemos perceber que o futebol também está enraizado na cultura brasileira. E os programas esportivos seguem bastante essa tendência, dando total cobertura ao esporte e de forma muito menos abrangente as demais modalidades. Ainda

é importante salientar a forma como a crônica esportiva brasileira mudou, evoluiu. Nos primeiros anos, o sucesso do jornalismo esportivo, ficava a mercê de crônicas fantasiosas, que tiveram determinada importância, pois construiu a identidade necessária entre torcida e o futebol. Mas que depois se tornaram ultrapassadas, criando a necessidade do assunto ser difundido de forma mais séria e altruísta, já que o esporte se disseminou de forma rápida, fazendo com que as pessoas buscassem algo muito além de apenas assistir partidas, mas também entender como era a preparação para tais disputas.

Sobre o conteúdo analisado, os sete dias de programa. Percebemos que há um esforço muito grande para disseminar o esporte local. Dando mais espaço para as práticas esportivas locais em detrimento de qualquer notícia nacional, o Globo esporte consegue exercer a função social do jornalismo regional.

Com a análise percebemos também, a importância que o clube de futebol de Juiz de Fora, Tupi, tem para a região. Em todas as edições do GE, alguma informação era relacionada ao Galo Carijó, confirmando a força do esporte preferido dos brasileiros, o futebol e a força local do time. Além do momento em que a análise foi feita seja propício, pois a visibilidade nacional do time irá aumentar com o acesso do mesmo para a segunda divisão nacional do ano que vem.

Em suma, consideramos que o trabalho conclui seu objetivo de demonstrar toda a relação existente entre o esporte e a televisão, considerando que ambos pertencem à cultura brasileira e tem grande importância para a nossa sociedade.

**Apêndice A- Entrevista realizada com o editor chefe e apresentador da TV Integração Inácio Novaes, concedida em outubro de 2015. Entrevistador: Hugo Amichi.**

### **1. Qual a história do esporte na TV Integração?**

No começo dos anos 2000, quando a TV Integração ainda se chamava TV Panorama, havia um programa esportivo chamado Panorama Esporte. O conteúdo era totalmente voltado para a região, tinha muitas notícias do Tupi e de outros eventos esportivos. Esse programa ia ao ar antes do MGTV 1ª edição, todos os dias, mas durou pouco.

Em 2012, quando a emissora mudou de nome e passou a se chamar TV Integração eu assumi a chefia de esportes. Até então tínhamos apenas dois dias de esporte na TV, dentro do MGTV, todas as segundas e quintas-feira, é claro que se tivesse alguma notícia relacionada ao esporte em outros dias era exibido no MGTV, mas um bloco mesmo que eu entrava no estúdio, conversava com a apresentadora, exibindo duas ou três reportagens, segunda e quinta apenas.

Até que em 2014 foi criado o bloco regional do Globo Esporte, era uma demanda antiga da população e já existia em outras afiliadas da Globo. Acabei de vir de Alagoas, e lá também é assim, um bloco local que fala do CRB, do ASA, e nos dois últimos blocos, tem o Globo Esporte rede que abrange o Brasil inteiro. Então desde o ano passado viemos fazendo da mesma forma aqui, tem dado certo, a repercussão é boa, o Tupi está tendo uma visibilidade muito maior do que tinha anteriormente na televisão e com o sucesso do time agora, ficou até melhor, casou direitinho

### **2. E porque vocês resolveram retornar com o Globo Esporte?**

O Globo esporte ele não foi retomado, ele foi criado, nunca tinha existido um Globo Esporte da TV Integração. E a marca é muito importante no cenário televisivo brasileiro, e o programa de esporte mais conhecido do país. E a demanda é porque aqui na região de Juiz de Fora passava o Globo Esporte feito em Belo Horizonte, o GE de BH ele é quase cem por cento só de Cruzeiro e Atlético, inclusive dentro do campeonato mineiro. Você não vê reportagem do Guarani de Divinópolis, do Democrata de Governador Valadares ou do Tupi, é só Cruzeiro e Atlético, nem o América tem espaço e olha que ele é de BH. E em

uma região como a nossa, predominantemente com torcida para times cariocas e para o Tupi, era uma demanda que não nos atendia, não atendia à população, que não se identificava com o programa, e assim teve a mudança. No primeiro bloco falar sobre o Tupi, do Tombense, que também é um time da nossa região e que tem destaque, porque foi o campeão da série D ano passado, falar do vôlei, do handebol e outros esportes na região. E no segundo e terceiro bloco passamos para o Globo Esporte da rede que é feito no Rio, aí sim passando as notícias dos times nacionais e do esporte internacional.

**3. Você disse que há mais torcedores de times cariocas em Juiz de Fora, é uma exigência da TV Globo Minas vocês passaram melhores momentos e gols de Cruzeiro e Atlético na maioria dos programas?**

Não é uma exigência, é uma recomendação e até um cuidado, porque tem torcedor de Cruzeiro e Atlético aqui, e nós paramos de falar meia hora deles e passamos a falar dois minutos de cada um. Então houve um choque, os torcedores de Cruzeiro e Atlético reclamaram, principalmente na região de Barbacena, São João Del Rey, acredito que em Viçosa, Ubá também. Mas mesmo assim é um público muito pequeno, então no bloco local, que dura 8 minutos, fala sim de Cruzeiro e Atlético, mas também do Tupi. Não falamos muito dos times cariocas porque geralmente o GE Nacional abre espaço para eles.

**4. Quantas pessoas trabalham na produção do Globo Esporte Local?**

Apenas uma. Eu sou o editor e apresentador e o Diego Alves é o produtor, as vezes ele brinca de repórter e comentarista também, mas os repórteres do dia a dia não tem uma equipe fixa para o esporte, um dia vai o Felipe Menicucci, outro dia a Claudia Oliveira e por aí vai. Mas a equipe oficial do esporte, eu para apresentar e o Diego para produzir.

**5. Como é feita a elaboração das matérias que vão ao ar?**

Geralmente a gente tem uma reportagem, por dia (local). Ao longo da semana, quando o Tupi tá jogando fica bem mais fácil, por exemplo, o Tupi vai jogar no sábado, então geralmente duas vezes por semana a gente cobre os treinos do Tupi, então podemos dizer que na terça e na quinta a gente faz o Tupi. E nos outros dias, tem o trabalho da produção, o Diego que é o produtor, vai pesquisando, ele tem que achar, as vezes um dia vai fazer o treino do vôlei, no

outro dia ele descobre um atleta de jiu-jitsu lá em Barbacena que acabou de ser campeão mundial, ou seja é um trabalho de pesquisa mesmo. Vamos dizer, temos uma reportagem sobre o treino do Tupi, fizemos durante a tarde e vamos exibir no programa de amanhã, com no máximo 3 minutos. Eu ainda tenho 5 minutos de programa, então posso dar 2 minutos e meio pro Cruzeiro e o mesmo tanto para o Atlético ou ainda se tiver algum evento esportivo na cidade eu dou uma nota seca sobre o evento, chamando a população pra ir. Não tem um padrão, mas todo programa tem que ter uma reportagem local e o restante do tempo que sobra dividimos em várias outras informações.

**6. Porque a maioria das matérias são relacionadas ao esporte em Juiz de Fora?**

É claro que gostaríamos de ter matérias de outras localidades, mas esbarramos na limitação de profissionais para trabalhar. Isso é reflexo do cenário do próprio MGTV também, que a maior parte das matérias são de Juiz de Fora. Eu queria ter uma equipe para ir uma vez por semana em Viçosa, em Carangola, mas infelizmente isso no dia a dia não é possível, a gente vai muito pra Tombos, porque a demanda exige, temos que cobrir os jogos da Tombense na série C, mas gostaríamos de ir além, ir em outras cidades, mas como não temos equipe, não conseguimos o tanto que gostaríamos. São João Del Rey e Barbacena conseguimos, porque tem uma equipe nessas cidades. Mas eu admito que não é o ideal, a gente queria ter ido a outras cidades, mas não consegue ainda.

**7. Porque o número de matérias sobre o futebol é bem maior que os outros esportes?**

É um reflexo da sociedade brasileira, é claro que uma matéria sobre o Tupi que vai jogar amanhã vai ter muito mais apelo do que a esgrima em Barbacena, sem desmerecer a esgrima em Barbacena que eu acho muito legal. Aliás ano que vem tem Olimpíada e vai ser muito legal mostrar o Eficap lá em Barbacena, mostrar como funciona o esporte. Mas no dia a dia, pode ver o Globo Esporte nacional, de BH, todos dão ênfase total ao futebol.

**8. Para finalizar, qual a importância que você vê no tipo telejornalismo local que vocês fazem aqui na TV Integração?**

A importância é muito grande porque o esporte local está sendo representado. Vou dar o exemplo do Tupi, que essa semana subiu para a série B do



campeonato brasileiro, eu tive a curiosidade de ver o Globo Esporte de Belo Horizonte no dia seguinte ao acesso, e eles deram 40 segundos pro Tupi! A gente deu 8 minutos pro Tupi, porque a gente tem 8 minutos, senão a gente daria mais, então você imagina: o cara liga a TV no dia seguinte ao jogo e o programa só passa 40 segundos sobre o time, é quase um desrespeito, mas para Belo Horizonte isso não interessa muito, mas para nós aqui da região sim. O programa é feito para a população e atletas daqui, por exemplo, a Larissa Martins que ganhou medalha nos jogos pan americanos, a gente deu espaço para ela aqui. E para os atletas da região se verem na televisão, para o torcedor daqui ver o time dele, criar a identificação total com o clube.

## **7. REFERÊNCIAS**

BAZI, R. “**Aspectos da TV Regional e a Globo no cenário da regionalização**”. Campinas, 2001.

BRETONES, M. “**Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico**”. 2010. UniCEUB- Centro Universitário de Brasília. Brasília-DF.

CÁDIMA, F. “**O fenômeno televisivo**”. Minho, Portugal: Editora do Minho 1996.

CAMPOS, C. “**MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**”. Brasília-DF, 2004.

COUTINHO, I. “**Telejornalismo e Identidade Local: uma reflexão sobre a produção jornalística das emissoras de TV de Juiz de Fora**”. Juiz de Fora- MG, 2006.

DA SILVA, F. “**Dos Telejornais aos programas esportivos: Gêneros televisivos e modos de endereçamento**”. Salvador, abril de 2005.

DAMATTA, R. “**Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**”. Revista USP, São Paulo, n22, jun/jul/ago de 1994.

JOHNSON, Allan G. “**Dicionário de sociologia: guia prático da língua sociológica**”. 1997. Tradução Ruy Jugmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoria.

MATA, J. “**Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação, e inserção popular no telejornalismo local**”. Juiz de Fora, 2011.

MARTINS P.; OMENA, A. “**Jornalismo Esportivo e Visibilidade Midiática: o caso Messi**”. Texto apresentado no INTERCOM 2010, Caxias-RS.

MARTINS, S. “**Identidade no Telejornalismo Local: A construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu público**”. Fevereiro 2009. Tese (mestrado)- Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG.

MATTOS, S. “**A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950- 2000)**”. Salvador-BA, 2002.

MENDES JÚNIOR, A. “**Repórter Esso e Jornal Nacional: um olhar sobre a evolução do telejornalismo no Brasil**”. Monografia de conclusão de curso apresentada

ao Curso de Jornalismo da UNIPAC- Universidade Presidente Antônio Carlos. Juiz de Fora-MG, 2005.

MORAES, R. "Análise de conteúdo. *Revista Educação*". Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

SAVENHAGO, I. "**Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem do espetáculo**". 2011. Centro Universitário Barão de Mauá- Unidade Independência. Ribeirão Preto-SP.